

Exmo. Senhor Presidente da Assembleia Municipal e respectivos
Membros da Mesa

Exmo. Senhor Presidente da Câmara Municipal da Covilhã

Exmas. Senhoras e Senhores Vereadores *unios de freguesias ?*

Exmas Senhoras e Senhores Presidentes das *✓* Juntas de Freguesia

Exmas Senhoras e Senhores Membros da Assembleia Municipal

Magnifico Reitor da Universidade da Beira Interior

Exmos Representantes das Entidades Civis, Militares e Religiosas

Exmos Representantes do Movimento Associativo

Exmas Senhoras e Senhores Representantes da Comunicação
Social

Minhas Senhoras e Meus Senhores,

Neste Aniversário do 25 de Abril, em que as armas de 1974,
viram as suas munições transformar-se em cravos, deixo mais
uma vez a minha prece e oração num sentido de desejo e de
esperança, que cessem os conflitos armados existentes nesta
Aldeia Global e que mais nenhuma vida humana se perca.

“Esta é a madrugada que eu esperava

O dia inicial inteiro e limpo

Onde emergimos da noite e do silêncio

E livres habitamos a substância do tempo”

1

Nas palavras da imortal Sophia de Mello Breyner recordo um miúdo de dez anos de idade, a quem a rádio fazia frequentemente companhia, a deparar-se com uma emissão nada rotineira, completamente distinta do habitual, em que se apelava a todos os habitantes da cidade de Lisboa no sentido de recolherem às suas casas, nas quais se deviam conservar com a máxima calma.

O que se estaria a passar na capital do império era a inquietação que se me colocava e com os ouvidos cada vez mais atentos á telefonia, tentava chegar a uma resposta que me aquietasse.

Percebi então mais tarde, que tinha caído o ESTADO NOVO e que se iria dar início a um NOVO ESTADO.

Na poesia de Manuel Alegre

“ Foram dias foram anos

A esperar por um só dia

Alegrias. Desenganos.

Foi o tempo que doía

Foi a noite e foi o dia

Na esperança de um só dia.”

Um dos motivos porque me orgulho de ser natural do Tortosendo é precisamente por ser uma terra de homens e mulheres que não se vergaram nunca, ao ESTADO NOVO.

Tive o privilégio de lidar com alguns deles, de os escutar de viva voz e na primeira pessoa, vivenciar as suas vivências, ficar embevecido com tamanhas façanhas, audácias e coragens, como se de heróis se tratassem, saídos dos livros que eu lia, e dúvidas

não haja de que de heróis se tratavam, não saídos de um mundo de aventuras, mas dos que democratizaram a nossa vida real.

O Sr. Agostinho, o Sr. Apolinário, o Sr. António, o Sr. Manuel, o Sr. José, o Sr. Joaquim, o Sr. Ramiro ... tantos, tantos, que nunca se resignaram

Gente investigada sem garantias de defesa, torturados na procura das suas confissões, alvos de buscas sem mandado, detenções sem autorização,

tribunais políticos que os prendiam por serem opositores do regime, prisões preventivas sem prazo, penas de degredo e campos de concentração por delitos de opinião.

A estes cidadãos anónimos, de consciência cívica e resiliência reivindicativa, associaram-se os Maias e os Eanes, que sendo apenas Ramalhos e Salgueiros, deram o peito aos chaimites e na companhia dos seus leais soldados construíram todos juntos, a árvore da Liberdade que hoje vivenciamos.

Abriram as portas à cidadania, ao diálogo e à tolerância, a liberdade de expressão saiu à rua, a censura do lápis azul e da tesoura caiu por terra.

Que lamento que neste nosso país não proliferem os Salgueiros Maias e os Ramalhos Eanes, que deixem morrer os Zecas Afonsos ao descuido da saúde física,

e que não façam justiça de uma vez por todas aos Antigos Combatentes, permitindo que partam, um por um, sem compensações e sem honra nem glória.

Foram todos eles sem excepção, que deixaram marcas profundas na nossa vida quotidiana e que alimentaram o sonho de um mundo melhor que ainda hoje ambicionamos.

O País modificou-se profundamente, abandonámos um Orgulhosamente Sós e aderimos a uma Comunidade Europeia, agora União, que em trinta e cinco anos de fundos europeus, tanto nos ajuda como nos troika,

mas que obriga à subserviência de uma moeda, mal concebida, mal desenhada, que tem mais de coroa e menos de cara, que nos aumentou exponencialmente o custo de vida, propalando um crescimento económico sustentado, que tarda em acontecer.

Passados cinquenta anos continua a ouvir-se, não em surdina, mas com ruído, que falta cumprir Abril...

Vem-me á memória a canção ... “A paz, o pão, a habitação, a saúde, a educação, só há liberdade a sério quando houver, liberdade de mudar e decidir”

As transições democráticas nunca serão fáceis, haverá continuamente novos desafios a abraçar.

A democracia como a maior conquista do Portugal em liberdade, é ainda um projecto em construção, mas a Democracia será sempre e para sempre, o poder de todos, sem excepção.

As desigualdades continuam acentuadas na sociedade portuguesa. Desigualdades essas que têm rosto, essencialmente no acesso a áreas essenciais à vida das pessoas.

Basta lembrar o aumento da esperança de vida a que invariavelmente se associam dificuldades e desigualdades de natureza económica, que potenciam envelhecimentos de solidão e isolamento, sem que surjam as mais que exigíveis, úteis e desejáveis, respostas sociais.

Basta lembrar ainda, as desigualdades no acesso às oportunidades para milhares de jovens,

4

pois apesar da excelente formação académica que adquirem em Portugal, não encontram um futuro risonho no seu próprio país e continuam a construir brilhantes carreiras por esse mundo fora.

É preciso mudar paradigmas e mentalidades, assegurar a adopção das medidas indispensáveis, para corrigir as fragilidades existentes, porque Abril foi passado é presente mas tem de ser futuro.

Temos de ser mais exigentes.

Andámos muito, mas temos muito mais para caminhar. As apostas de longo prazo não podem ser confundidas com os movimentos circunstanciais.

Pugnemos por grandes progressos colectivos na solidariedade e na coesão social,

nomeadamente no Poder Local Democrático que exercemos, para que se minimizem ou evitem as dificuldades do quotidiano dos portugueses, permitindo assim que todos vivamos com dignidade.

Atrevo-me a propor um desafio, em jeito de reflexão...

Cinquenta anos depois das primeiras eleições livres em democracia, a abstenção continua a ter percentagens inaceitáveis, que a todos nos envergonha e exige que continuemos a combater,

mas haja a coragem de proceder às necessárias alterações do sistema eleitoral, para que nenhum voto se perca e todos sejam convertidos em mandatos,

caso contrário, continuaremos a alimentar este paradoxo, que vai desde aqueles que não votam,

aqueles que mesmo votando sabem (ou não) que o seu voto é “inútil”.

5

De uma vez por todas, reflitamos todos, sobre o que queremos que seja o futuro do nosso país.

Permitam-me a ousadia de terminar com uma palavra de apreço ao falecido Sr. Meu Pai, que enquanto militar da GNR no Posto de Tortosendo, no pré e pós 25 de Abril de 1974, mesmo quando ordens de comando lhe pediam comportamentos diferentes, soube respeitar todos estes homens e mulheres que na clandestinidade lutavam por um NOVO ESTADO e que todos eles sem excepção, também Eles, sempre o respeitaram.

QUE O 25 DE ABRIL VIVA

VIVA A DEMOCRACIA

VIVA PORTUGAL

6